

REVISTA MARACANAN

Nota de Pesquisa

Congresso Internacional de História da América (1922): redes de intelectuais e disciplinarização do conhecimento histórico

*International Congress of History of America (1922): networks of
intellectuals and disciplinarization of historical knowledge*

José Lucio do Nascimento Junior*

Centro Universitário Augusto Motta, Brasil
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 08 out. 2018.

Aprovado em: 17 mar. 2019.



* Professor de História do Brasil e da América no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Doutorando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História pela UERJ; e, graduado em História pela UNISUAM. (juniorhistoriador@gmail.com)
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1170839014370831>

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em uma análise de como ocorreu o Congresso Internacional de História da América realizado entre 08 a 15 de setembro de 1922. Sua principal instituição promotora foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Por ser um evento que reuniu historiadores e intelectuais diversos, um estudo possibilita que se observe como estavam os contornos do processo de institucionalização do campo disciplinar em curso no Brasil. Além disso, como se organizavam as redes de sociabilidade que os historiadores brasileiros possuíam no primeiro quartel do século XX.

Palavras-chave: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Historiografia. Intelectuais. Rio de Janeiro.

Abstract

The objective of this research note is to analyze how the International Congress of History of America took place between September 08 and 15, 1922. Its main institution was the Brazilian Historical and Geographical Institute. Because it is an event that brought together historians and diverse intellectuals, it is possible to observe how the contours of the process of institutionalization of the disciplinary field underway in Brazil were. In addition to the networks of sociability that Brazilian historians had in the beginning of the twentieth century.

Keywords: Brazilian Historical and Geographical Institute. Historiography. Intellectuals. Rio de Janeiro.

I.

O objetivo principal do presente trabalho consiste em apresentar o desenvolvimento de pesquisa sobre o Congresso Internacional de História da América (CIHA) realizado entre 08 a 15 de setembro de 1922, tendo como instituição promotora o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Por ser um evento que reuniu historiadores e letrados diversos, ele possibilita que se observe como estavam os contornos do processo de formação e de institucionalização do campo disciplinar da História em curso no Brasil, além das redes de sociabilidade que os historiadores brasileiros possuíam no primeiro quartel do século XX. Tal situação se torna latente ao observarmos que Afonso de E. Taunay e Alfredo Ellis Jr., que seriam professores da Universidade de São Paulo, e Pedro Calmon, que se tornaria professor e reitor da Universidade do Distrito Federal, a partir da década de 1930, estavam participando e apresentando memórias no CIHA.¹

Faz-se necessário examinar as redes de sociabilidade que um congresso como esse proporciona. Para demonstrarmos a importância que tais eventos possuem na construção das redes de intelectuais, exemplificamos a partir do caso de Manoel de Oliveira Lima. Esse letrado esteve em uma série de congressos, tais como o XVI Congresso de Americanistas que ocorreu em Viena em 1908 e o Congresso Internacional de Ciências Históricas, que se realizou em Londres na primeira dezena do mês de abril de 1913. Sua participação no segundo evento foi solicitada por Harold Temperley, professor de História Moderna na Universidade de Cambridge e um dos organizadores do Congresso de Ciências Históricas. A Oliveira Lima foi solicitado escrever uma memória sobre a “guarda, conservação e divulgação dos arquivos brasileiros”, demonstrando que o letrado brasileiro contava com reconhecimento, de seus pares internacionais, da sua atuação como historiador.²

Ao chegar ao Brasil em 1913, após o Congresso Internacional de Ciências Históricas, Oliveira Lima proferiu um discurso no IHGB indicando à presidência e aos membros a necessidade de promoção de um congresso de história, onde fosse possível observar o estado da arte da produção brasileira e reforçar o sentimento nacional. Esse discurso teve como título “O Atual papel do Instituto Histórico”.³

¹ Instituto História e Geográfico Brasileiro (IHGB). *Anais do Congresso Internacional de História da América (1922)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925. 9 vols.; FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011, p. 321-341. Sobre a formação das universidades brasileiras, ver: FERREIRA, Antônio Celso. *A Historiografia profissional paulista: expansão e descentramento*. In: GLEZER, Rachel. *Do passado ao futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto; Ed. FGV, 2013.

² LIMA, Manoel de Oliveira. *Obras Selecionadas*. Dir.: Barbosa Sobrinho. Rio de Janeiro: INL, 1971, p. 718.

³ Para uma análise do discurso desse letrado, cf.: GUIMARÃES, L. *Da Escola Palatina ao Silogeu: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007; GUIMARÃES, L. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos países do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 192-212, jan.-jun. 2005; RODRIGUES, Mara. Apresentação a Oliveira Lima. In.: NICOLAZZI, Fernando

Em 1914, foi organizado o I Congresso de História Nacional. Ao fim do evento, Afonso Arinos e Max Fleiuss sugeriram a realização de um novo congresso, em comemoração ao Primeiro Centenário da Independência do Brasil, que pudesse reunir letrados e historiadores das diferentes partes do continente americano. A organização deste evento se iniciou em 1915, e sua realização se deu entre 08 a 15 de setembro de 1922, nas dependências do "silogeu brasileiro". Entre 1915 e 1922, ocorreram algumas reuniões preliminares para organização do Congresso.

Na sessão de 15 de fevereiro de 1915, foi expedida uma portaria nomeando a Comissão Executiva do Congresso de Internacional de História da América. A primeira reunião desta comissão foi coordenada pelo presidente perpétuo do Instituto, o Conde de Afonso Celso, ocorreu no dia 23 de fevereiro de 1915, e se decidiu pela composição da comissão executiva do evento. Em 09 de agosto de 1916, seguiram-se, via Ministério das Relações Exteriores, as instruções para proceder com os convites.⁴ Em 1º de setembro de 1922, houve a Primeira Sessão Preparatória do Congresso. Nesta sessão, Ramiz Galvão propôs que a comissão organizadora redigisse o regimento interno do congresso. No grupo estavam os brasileiros Manuel Cícero, Tavares Lyra, Nuno Pinheiro, Solidonio Leite e o argentino Dr. Enrique Loudet. O regimento interno foi aprovado na terceira sessão, realizada a 06 de setembro. Nela foi anunciada a compra da Casa de Tiradentes, em Ouro Preto, pelo IHGB e foram eleitos os cargos de honra do Congresso.

II.

A solenidade de abertura teve lugar no dia 08 de setembro de 1922, contando com personalidades, tais como: o Dr. Epitácio Pessoa, membro do IHGB, presidente solene do Congresso e presidente do Brasil naquele momento; Charles Evans Hughes, secretário de Estado dos Estados Unidos da América; Sir. John Tilley, embaixador da Inglaterra; Eufrásio Losa, embaixador da Argentina; além de outras figuras ilustres de vários países do continente americano. Entre os dias 9 a 14 de setembro, realizaram-se as sessões e subssões previstas no Congresso, além de visitas ao Jardim Botânico e ao Museu Nacional no dia 10 de setembro. No dia 12, foram visitados o Senado Nacional, a Câmara dos Deputados e a Biblioteca Nacional. No dia 13, o Supremo Tribunal Federal e a Escola Nacional de Belas Artes.

Duas sessões plenas ocorreram nos dias 12 e 14 de setembro de 1922. Na primeira, destacamos que nos discursos de Ricardo Levene (representante da Argentina), de Manuel Cícero e do Conde de Afonso Celso (membros do Instituto e da comissão de organização do evento) houve a busca de aproximação entre as academias do Brasil e da Argentina. Ainda nesta sessão, foi aprovada a elaboração da *História Geral da América* em conjunto com os

(org.). *História e Historiadores no Brasil do fim do Império ao alvorecer da República*. Porto Alegre: PUCRS, 2014, p. 247-258.

⁴ IHGB. *Anais do Congresso... Op. cit.*

representantes de todos os países presentes. E, a sessão de encerramento, realizou-se no dia 15 de setembro de 1922, iniciada às 16 horas. Neste evento houve a homenagem a José Bonifácio, chamado de "o Patriota". No mesmo dia, houve ainda um banquete oferecido no salão da Associação dos Empregados do Comércio. O fim do Congresso se seguiu de uma viagem à São Paulo, entre 16 a 20 de setembro.

As sessões de apresentação do Congresso de História da América foram: (1) História Geral; (2) História das Explorações Geográficas; (3) História das Explorações Arqueológicas e Etnográficas; (4) História Constitucional e Administrativa; (5) História Parlamentar; (6) História Econômica; (7) História Militar; (8) História Diplomática; e (9) História Literária e das Artes. Porém, como destaca Lúcia Guimarães, se houve o predomínio da história política, novos campos também eram valorizados, tais como a História Econômica e a Geografia-Histórica.⁵

Congressos e eventos acadêmicos se constituem como uma oportunidade singular para analisar a formação e/ou consolidação de redes de intelectuais. Por isso, analisar como elas se apresentaram no decorrer do Congresso consiste em outro objetivo do presente texto, pois esse evento tinha como uma de suas metas a aproximação de intelectuais de todos os países da América. Tomemos como exemplo as relações entre letrados brasileiros e argentinos.

Ricardo Levene foi um dos representantes da comissão da Argentina no Congresso, tendo participado das sessões preparatórias e do evento em si. Na primeira sessão plena, Levene entregou diplomas de sócios-correspondentes da *Junta de História y Numismática* ao Barão de Ramiz Galvão, ao Conde de Afonso Celso, a Max Fleiuss, Cícero Peregrino da Silva, Bernardes da Silva e a Eugenio Egas com o intuito de reforçar laços de sociabilidade entre brasileiros e argentinos. Em discurso pronunciado na sessão, destacou que a "Casa Palatina" foi modelo para outros institutos similares na América Latina, inclusive o argentino, salientando a proximidade entre General Osório e D. Pedro II. A decisão de tornar os membros do IHGB sócios correspondentes da *Junta* foi uma proposta levantada pelo próprio Levene, sendo aprovada em reunião da instituição em agosto de 1922. Ou seja, um mês antes do início das comemorações do centenário de Independência do Brasil. A aprovação do representante da Argentina como sócio do Instituto Histórico teve que esperar até o final da década de 1920 para se concretizar.

III.

Os membros do Instituto Histórico participavam de eventos internacionais desde sua criação. No Congresso de Ciências Históricas de Veneza, em 1881, os membros do IHGB receberam um prêmio por causa da qualidade da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no cenário internacional. Este prêmio também congratulava os historiadores

⁵ GUIMARÃES, L. *Da escola palatina ao... Op. cit.*

brasileiros pela qualidade dos mapas expostos ao longo do evento. Percebe-se, então, que o uso dos métodos científicos, no caso brasileiro, não veio acompanhado do surgimento de universidades. Antes, estava relacionada à historiografia praticada pelos membros do Instituto, que na primeira metade do século XIX utilizavam o modelo da história mestra da vida.

Para Manoel Salgado, a escrita da História a partir de Leopold Von Ranke iria se assentar nos métodos.⁶ Ao longo do século XIX, a cultura histórica iria articular de uma maneira nova a relação entre passado e presente. Neste sentido, ao analisar a produção historiográfica do IHGB na primeira metade do século XIX, Manoel Salgado Guimarães destaca que a historiografia produzida era ao mesmo tempo “mestre da vida” e “iluminista”. Fazia-se uma biografia do Estado, e da História retirava os exemplos de que precisava para ensinar e transmitir seu projeto.⁷ Este modelo de História estava presente na proposta de escrita da História do Brasil feita por Von Martius em 1844, seguido por Francisco Adolfo de Varnhagem ao escrever sua *História Geral do Brasil*.

Para Koselleck, é impossível analisar o trabalho do historiador sem observar as categorias por ele utilizadas.⁸ Ao definir que a História que produziam era científica, esses historiadores traziam consigo um novo sentido de historicidade, o regime moderno, tal como definido por Hartog.⁹ No caso brasileiro, a história científica já podia ser observada na passagem do século XIX para o XX. O IHGB seria o *locus* privilegiado para este tipo de produção. Porém, ao contrário do caso francês, no Brasil, o uso do método científico não veio acompanhado da formação universitária, que apenas iria se iniciar na década de 1930.

No caso do Congresso Internacional de História da América realizado em 1922, Lúcia Guimarães aponta que a divisão das sessões seguia a proposta de organização da história tal como definida por Charles Langlois e Charles-Victor Seignobos em seu *Manual de História* de 1898.¹⁰ O uso do recurso de cientificidade, por sua vez, não era uma ação pontual para os congressos, mas uma prática que aqueles que praticavam história deveriam saber. De acordo com Maria da Glória de Oliveira, Capistrano de Abreu, no primeiro quartel do século XX, direcionou críticas a alguns membros do IHGB questionando-os sobre a falta de perícia nos

⁶ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. A cultura histórica oitocentista e o nascimento da disciplina. *Anais do [...] XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. João Pessoa: ANPUH, 2003, p 1-7.

⁷ GUIMARÃES, M. L. *Historiografia e Nação no Brasil (1838-1857)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011; GUIMARÃES, M. L. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988; GUIMARÃES, M. L. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, M.; SOIHET, R.; TEIXEIRA, R. (orgs.). *Cultura política, historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 23-42.

⁸ KOSELLECK, R. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

⁹ Para François Hartog, os Regimes de Historicidade são formas de se conceber a relação entre passado-presente-futuro que uma sociedade estabelece. Logo, a historicidade seria a forma como as sociedades lidam com a experiência do tempo e essas formas passaram por alterações ao longo da história da Humanidade. Tais categorias, por sua vez, nos auxiliam a pensar o ofício do historiador ao longo do tempo. HARTOG, F. *Regimes de Historicidade: Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

¹⁰ GUIMARÃES, L. Limites políticos de... *Op. cit.*

usos dos métodos.¹¹ A crítica, por sua vez, demonstra que já havia traços bem claros do que fazia ou não parte do ofício do historiador.

Tomando como exemplo o parecer dado à memória escrita por Bernadino José de Sousa, intitulada *Joanna Angélica. A primeira heroína da independência do Brasil* – sendo esta a 8ª tese da 1ª subseção (História Geral), da 15ª sessão (História do Brasil) –, nota-se que: por um lado, o relator Alfonso Claudio destacou que se tratava de um estudo “sedento da verdade que documentária, que aí emerge, de páginas claras e estilizadas, com o bafio dos arquivos e a poeira do ineditismo”; por outro, mereceu críticas por “não ser inédita a tese oferecida, visto que não satisfaz a exigência taxativa do art. 8ª do regimento geral, - de ser inédita a tese oferecida a aproveitamento na referida publicação”.¹²

Dois pontos merecem destaque no parecer: o primeiro liga-se ao elogio feito pelo trabalho em arquivos. Como foi demonstrado, Oliveira Lima havia escrito um trabalho a pedido de Temperley sobre a guarda e conservação de documentos. Tal pedido foi motivado pelo fato de o historiador inglês considerar que no ofício que ele desenvolvia se fazia consulta aos arquivos. O fato de se ter solicitado a Oliveira Lima a dita comunicação demonstra que o reconhecimento dos pares também era um critério importante na área, uma vez que este não possuía formação em História (curso superior inexistente no Brasil). Quando o relator sublinha a consulta realizada em arquivos, pode-se perceber que sua fala não era uníssona, contando com ressonância entre os pares.

Em segundo lugar, a observação de que não bastava ao historiador a consulta aos arquivos, a tese apresentada precisava ser inédita. Desta forma, percebemos que era importante para aquele que se dedicava ao ofício conhecer a produção de seus pares e não ficar repetindo os trabalhos já produzidos. Os congressos de História, que se iniciaram no Brasil no primeiro quartel do século XX, apresentam-se como espaços privilegiados para a análise do ofício do historiador, uma vez que em seus regulamentos podemos observar de forma mais explícita alguns dos contornos da disciplinarização em curso.

Um ponto em comum entre a produção historiográfica brasileira e a francesa no período era o predomínio do método de estudo e do uso de fontes documentais. Para José Carlos Reis, a escola metódica se caracterizava tanto pelo predomínio do uso da fonte escrita, quanto pelo rigor metodológico no exame da fonte. Além disso, havia a necessidade de distanciamento temporal entre o pesquisador e o objeto de pesquisa.¹³ No caso do Congresso de 1922, o recorte temporal se iniciava antes da conquista e colonização, e tinha como fim os primeiros anos do século XX, incluindo temas que eram relevantes para muitos dos países do continente americano, como a imigração.

¹¹ OLIVEIRA, M. G. *Crítica, método e escrita da História em Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

¹² IHGB. *Anais do Congresso...* Op. cit., p. 122-123.

¹³ REIS, J. C. *A História, entre a Filosofia e a Ciência*. 4ª ed. (revista e ampliada). Belo Horizonte: Contexto, 2011.

Para José Carlos Reis, existiam três paradigmas científicos em voga na passagem do século XIX para o XX. Eles seriam: (i) o Rankeano, em que a história buscava se aproximar do modelo de ciência proposto pelas ciências naturais; (ii) o de Diltheyan, que propunha descobrir o que havia de específico no conhecimento histórico que o tornasse uma ciência diferente das ciências naturais; e (iii) o marxista, que defendia que o conhecimento histórico deveria ser relacionado a sua realidade social, a *práxis*.¹⁴ Estas formulações são datadas, resultam da busca de cientificidade à história a partir do século XIX, em especial na segunda metade.

Retomando o caso francês, Gérard Noiriel apresenta que a formação da disciplina na França ocorre no último quartel do século XIX. Neste momento, a III República buscava se legitimar no poder, auxiliando e promovendo a formação do historiador no espaço universitário. Se o Instituto Histórico de Paris e os clubes literários eram um espaço de sociabilidade e de produção intelectual de pensadores ligados à Monarquia e à Igreja Católica, as universidades passariam a contar em seus quadros com novos intelectuais republicanos e protestantes.¹⁵

Estas formulações poderiam ser suficientes para que o problema que analisamos nesse texto fosse resolvido. A disciplinarização da História poderia seguir qualquer um dos paradigmas apresentados e, a partir deles, pode-se buscar reconstruir a história da disciplina. Contudo, a história, enquanto experiência vivida, tem uma variável incontrolável: o ser humano. Esta variável faz com que os processos históricos sejam únicos e não possam ser repetidos. O que, por sua vez, gera a possibilidade de se realizarem novos estudos a partir de diferentes perspectivas.

A profissionalização ocorreu com a Universidade republicana francesa e a instituição dos princípios científicos. Tal ação teve como consequências: (i) a aproximação entre a escola e a universidade, por meio da pesquisa científica; (ii) a transferência para a universidade dos estudos das técnicas de pesquisa; e, (iii) a anexação dos institutos de pesquisa à Sorbonne. Neste caminho, as revistas científicas marcariam o novo momento que a história vivia: o uso do método científico. Elas se constituiriam em um espaço, ao mesmo tempo, de divulgação dos conhecimentos científicos e de julgamento por parte dos pares, formando redes de sociabilidade.¹⁶

¹⁴ REIS, J. C. *A História, entre a... Op. cit.*

¹⁵ NOIRIEL, G. *Sur La "crise" de l'Histoire*. Paris: Belin, 1998.

¹⁶ *Idem*; SIRINELLI, Jean-Pierre. *Abrir a história: novo olhar para o século XX francês*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, Antônio Celso. A Historiografia profissional paulista: expansão e descentramento. In: GLEZER, Rachel. *Do passado ao futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto; Ed. FGV, 2013.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício*: a constituição de um campo disciplinar. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.
- GUIMARÃES, L. *Da Escola Palatina ao Silogeu*: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1930). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.
- GUIMARÃES, L. Limites políticos de um projeto intelectual para a integração dos países do Novo Mundo: o Primeiro Congresso Internacional de História da América (1922). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 192-212, jan.-jun. 2005.
- GUIMARÃES, M. L. *Historiografia e Nação no Brasil (1838-1857)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.
- GUIMARÃES, M. L. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988.
- GUIMARÃES, M. L. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, M.; SOIHET, R.; TEIXEIRA, R. (orgs.). *Cultura política, historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. A cultura histórica oitocentista e o nascimento da disciplina. *Anais do [...] XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. João Pessoa: ANPUH, 2003.
- HARTOG, F. *Regimes de Historicidade*: Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- KOSELLECK, R. "Espaço de experiência" e "horizonte de expectativa": duas categorias históricas. In: *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
- NOIRIEL, G. *Sur La "crise" de l'Histoire*. Paris: Belin, 1998.
- OLIVEIRA, M. G. *Crítica, método e escrita da História em Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.
- REIS, J. C. *A História, entre a Filosofia e a Ciência*. 4ª ed. (revista e ampliada). Belo Horizonte: Contexto, 2011.
- RODRIGUES, Mara. Apresentação a Oliveira Lima. In: NICOLAZZI, Fernando (org.). *História e Historiadores no Brasil do fim do Império ao alvorecer da República*. Porto Alegre: PUCRS, 2014.
- SIRINELLI, Jean-Pierre. *Abrir a história*: novo olhar para o século XX francês. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.